

## Tradução

### **CURSO SOBRE LEIBNIZ<sup>1</sup>** **Primeira aula: 15/04/1980 – Último ano em Vincennes**

Gilles Deleuze

*Tradução:*

*Elainy Costa da Silva*

*Leonardo Lima Ribeiro*

---

Professora do Curso de Sociologia da URCA  
Mestre em Filosofia UECE  
[elainyfarías1@gmail.com](mailto:elainyfarías1@gmail.com)

---

Professor do Curso de Pedagogia da UVA  
Mestre em Filosofia UECE  
[leoribeiro22@gmail.com](mailto:leoribeiro22@gmail.com)

Iremos agora nos deter durante algum tempo em uma série sobre Leibniz. Meu objetivo é muito simples: para aqueles que não o conhecem de modo algum, tentar expô-lo, fazê-los gostar desse autor e proporcioná-los uma espécie de vontade de lê-lo.

Para introduzir Leibniz, há um instrumento de trabalho incomparável. É a tarefa de uma vida, uma tarefa muito modesta, mas muito profunda. É uma senhora, senhora Prenant, que já há muito tempo fez a seleção dos fragmentos [da obra] de Leibniz. Geralmente os fragmentos escolhidos são muito duvidosos, aqui eles se encontram como uma obra prima. São uma obra prima por uma razão simples: é que Leibniz tem procedimentos de escrita que, sem dúvida, são muito comuns em sua época (início do século XVIII), mas em que lhe dá um ponto extraordinário. Seguramente, como todos os filósofos, ele constitui grandes livros; mas quase num limite, poderíamos dizer que esses grandes livros não são o essencial de sua obra, pois o essencial de sua obra está na correspondência e em todos os pequenos memoriais. Os grandes textos de Leibniz são muito frequentemente textos de quatro ou cinco páginas, dez páginas, ou mesmo as cartas. Ele escreve um pouco em todas as línguas e, de certa maneira, é o primeiro filósofo alemão. É a chegada, na Europa, da filosofia alemã. A influência de Leibniz será imediata sobre os filósofos

---

<sup>1</sup> Este texto é fruto das transcrições de *Les Cours de Gilles Deleuze à Vincennes*, <<Leibniz>>, 15/04/1980, disponibilizadas em original francês publicamente no site [www.webdeleuze.com](http://www.webdeleuze.com), também publicado nessa edição da *Revista Helius*. Disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=48&groupe=Leibniz&langue=1>. Agradecemos desde já a disponibilização do material ao Monsieur Richard Pinhas, responsável pelo site Webdeleuze.

românticos do século XIX alemão, e mais, ela se manterá particularmente em Nietzsche.

Leibniz é um dos filósofos que melhor faz compreender uma resposta possível a esta questão: o que é a filosofia? O que é que faz um filósofo? Ele se ocupa de quê?

Se pensarmos quais definições, tais como as que procuram o verdadeiro ou buscam a sabedoria, não são adequadas, é por que existe uma atividade filosófica? Quero dizer muito rapidamente em que reconheço um filósofo em sua atividade. Só podemos confrontar as atividades em função daquilo que elas criam e de seus modos de criação. É necessário se perguntar: o que é que cria um carpinteiro? O que é que cria um músico? O que cria um filósofo? Um filósofo é para mim alguém que cria conceitos. Isso implica muitas coisas: que o conceito seja a algo a criar, que o conceito seja o termo de uma criação.

Não vejo nenhuma possibilidade de definir a ciência se não indicamos alguma coisa que foi criada pela e na ciência. Porém, acho que não sabemos bem o que é aquilo que é criado pela e na ciência, mas não são conceitos propriamente falando. O conceito de criação foi muito mais ligado à arte do que à ciência ou à filosofia. O que cria um pintor? Ele cria linhas e cores. Isso implica que as linhas e as cores não estão dadas, elas são o termo de uma criação. Isso que é dado, em um limite, poderemos sempre lhe nomear um fluxo. São os fluxos que são dados e a criação consiste em recortar, organizar, conectar os fluxos, de tal maneira que se desenhe ou que se faça uma criação em torno de certas singularidades extraídas dos fluxos.

Um conceito, esse não é de modo algum alguma coisa dada. E mais, um conceito não é a mesma coisa que o pensamento: podemos muito bem pensar sem conceito, e mesmo todos aqueles que não fazem filosofia, creio que pensam, que pensam plenamente, mas não pensam por conceitos – se você aceita a ideia de que o conceito seja o termo de uma atividade ou de uma criação original.

Eu diria que o conceito é um sistema de singularidades tomadas sobre um fluxo do pensamento. Um filósofo é alguém que fabrica conceitos. E o

intelectual<sup>2</sup>? Em minha opinião, não. Pois um conceito como sistema de singularidades tomadas sobre um fluxo do pensamento... imagine o fluxo do pensamento universal como uma espécie de monólogo interior, um monólogo interior de todos aqueles que pensam. A filosofia surge com o ato que consiste em criar conceitos. Para mim, há tanto na criação da fabricação de um conceito quanto na criação de um grande pintor ou de um grande músico. Podemos conceber também um fluxo acústico contínuo (que talvez apenas seja uma ideia, mas pouco importa se essa ideia está fundada) que atravessa o mundo e que compreende o próprio silêncio. Um músico é alguém que toma sobre o fluxo alguma coisa: as notas? Os agregados das notas, não? O que é que chamaremos de o novo som de um músico? Vocês sentem bem que não se trata simplesmente de um sistema de notas. É a mesma coisa para a filosofia, simplesmente não se trata de criar sons, mas conceitos.

Não é uma questão de definir a filosofia por uma busca qualquer da verdade, por uma razão muito simples: é que a verdade é sempre subordinada ao sistema dos conceitos dos quais dispomos. Qual é a importância dos filósofos para os não-filósofos? É que os não-filósofos não tem bem o conhecimento ou parecem ignorar que, querendo ou não, pensam através dos conceitos que têm nomes próprios.

<sup>2</sup> Deleuze aqui está a desenvolver uma lógica argumentativa cuja natureza implica a distinção clara entre as naturezas específicas do filósofo e do intelectual, porquanto à diferença do primeiro, isto é, do filósofo, o intelectual restringe-se à empresa cujo apanágio é apenas o da *reflexão* como prescrição: espelhamento intelectual acerca de um objeto, transcendente ou empírico, preconcebido - por exemplo, Deus como objeto de uma *filosofia da representação*; uma pauta social que serve enquanto pano de fundo empírico para o cientista social. Tais elementos, nesse caso, não são utilizados para produção das novidades do pensamento, mas simplesmente para demarcar os limites ou as bordas imagéticas através das quais ele deve operar sob a tutela do constrangimento estrutural. Ou seja, para Deleuze, o *intelectual* não é aquele que exerce criativamente a produção de conceitos como pura novidade, haja vista seu ponto de partida, qual seja: a simples acumulação irrefreada, crônica de culturas pré-produzidas de antemão, agrupadas na subjetividade, o que leva ao soterramento da potência da fabulação por meio de dados sólidos em *assentamento topológico crônico* na consciência, cristalizando-a. Nesse caso, basta ao entendimento, segundo o que compreende Deleuze acerca da ideia de *intelectual*, a medíocre efetuação de operações lógicas às quais devem se voltar estritamente para as culturas acumuladas, historicamente estabelecidas, e nunca para aquilo que delas se distingue: *a criação de conceitos transversais às culturas estabelecidas, perfurando-as insolitamente*. Para mais detalhes cf. DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Qu'est-ce que la philosophie*. Paris: Minuit, 1991; obra em que, dez anos depois desse curso, Deleuze desenvolve com profundidade esse problema ao lado de Guattari (Nota dos tradutores).

Reconheço o nome de Kant não pela sua vida, mas por certo tipo de conceitos que estão assinados por Kant. Desde então, ser discípulo de um filósofo pode muito bem se conceber. Se vocês estão na situação de dizer que tal filósofo assinou os conceitos dos quais vocês sentem necessidade, nesse momento você é kantiano, leibniziano etc.

É bem forçado que dois grandes filósofos não estejam de acordo um com o outro na medida em que cada um cria um sistema de conceitos que lhe serve de referência. Portanto, não há somente isso para julgar. Podemos muito bem apenas ser discípulos localmente, sobre tal ou tal ponto – a filosofia, destaca-se. Vocês podem ser discípulos de um filósofo na medida em que consideram que vocês têm uma necessidade pessoal daquele tipo de conceitos. Os conceitos são assinaturas mentais. Mas isso não quer dizer que estejam na cabeça, porque os conceitos são também modos de vida – e não por escolha ou reflexão, o filósofo não reflete mais do que o pintor ou o músico -; as atividades se definem por uma atividade criadora e não por uma dimensão reflexiva.

Desde então, o que significa dizer: ter necessidade de tal ou tal conceito? De certa maneira digo-me que os conceitos são ao seu modo coisas vivas, são verdadeiramente coisas que têm quatro patas, se movem. São como uma cor, como um som. Os conceitos são tão vivos que não estão sem relação com aquilo que, contudo, parece o mais distante do conceito, a saber, o grito.

De certa maneira, o filósofo não é alguém que canta, é alguém que grita. Cada vez que vocês têm necessidade de gritar, penso que não estão longe de uma espécie de apelo à filosofia. O que significa dizer que o conceito seria uma espécie de grito ou uma espécie de forma do grito? É isso, ter necessidade de um conceito: ter alguma coisa para gritar! Será necessário encontrar o conceito daquilo que grita, ali... Podemos gritar mil coisas. Imaginem alguém que grita: “mesmo quando for preciso que tudo isso tenha uma razão”. É um grito muito simples. Na minha definição: o conceito é a forma do grito, vemos imediatamente toda uma série de filósofos que diriam “sim, sim”! Esses são os filósofos da paixão, os filósofos do *pathos*, em distinção

com os filósofos do *logos*. Por exemplo, Kierkegaard, ele funda toda a sua filosofia sobre gritos fundamentais.

Mas Leibniz é da grande tradição racionalista. Imaginemos Leibniz: há alguma coisa assombrosa. É o filósofo da ordem; ainda mais, da ordem e da polícia, em todos os sentidos da palavra polícia. Sobretudo, no primeiro sentido da palavra polícia, a saber, a organização ordenada da cidade. Ele só pensa em termos de ordem. Nesse sentido, ele é extremamente reacionário, é o amigo da ordem. Mas, muito estranhamente, no seu gosto da ordem e para fundar essa ordem, ele se engaja na mais demente criação de conceitos à qual tínhamos podido presenciar na filosofia. Os conceitos desganhados, os conceitos mais exuberantes, os mais desordenados, os mais complexos para justificar aquilo que é. É preciso que cada coisa tenha uma razão.

Com efeito, há duas espécies de filósofos, se vocês aceitam a definição de que a filosofia é uma atividade que consiste em criar conceitos; e há como que dois pólos: há aqueles que fazem uma criação de conceitos muito sóbria; eles criam conceitos no nível de tal singularidade claramente distinguida das outras, e finalmente, eu sonho com uma espécie de quantificação de filósofos em que os quantificaríamos segundo o número de conceitos que eles assinaram ou inventaram. Se me digo: Descartes, ele é o tipo de uma criação de conceito muito sóbria. A história do cogito, historicamente podemos sempre encontrar toda uma tradição dos precursores, mas isso não impedia que houvesse alguma coisa assinada por Descartes no conceito de cogito, a saber (uma proposição pode exprimir um conceito), a proposição: “Penso, logo existo”; é um verdadeiro e novo conceito. É a descoberta da subjetividade, da subjetividade pensante. E assina: Descartes. Seguramente, poderemos sempre procurar em Santo Agostinho, ver se [o conceito] já não estava preparado – há seguramente uma história dos conceitos, mas Descartes é assinado.

Descartes, não é somente dele que temos pressa em fazer a excursão? Podemos atribuir-lhe cinco ou seis conceitos. É muito ter inventado seis conceitos, mas é uma criação sóbria. E, em seguida, existem filósofos exasperados. Para eles, cada conceito cobre um conjunto de singularidades, e depois sempre precisam de outros, sempre de outros conceitos. Presenciamos

uma louca criação de conceitos. O exemplo típico é Leibniz; sempre cria algo novo.

É tudo isso que eu queria explicar.

É o primeiro filósofo a refletir sobre a potência da língua alemã relativamente ao conceito, naquilo que o alemão é uma língua eminentemente conceitual, e não é por acaso que ela possa ser também uma grande língua do grito. Atividades múltiplas – ele trata de tudo -, grande matemático, grande físico, muito bom jurista, muitas atividades políticas, sempre a serviço da ordem. Ele nunca para, isso é muito suspeito. Há uma visita Leibniz-Spinoza (ele é o anti-Leibniz): Leibniz o faz ler os manuscritos, imaginamos Spinoza exasperado, perguntando-se o que queria aquele tipo ali. Então, quando Spinoza é atacado [nos manuscritos] Leibniz diz que nunca foi vê-lo, e diz que foi apenas para vigiá-lo... Abominável. Datas: 1646-1716. É uma longa vida, está atravessado de muitas coisas.

Tem, enfim, uma espécie de humor diabólico. Eu diria que seu sistema é bastante piramidal.

O grande sistema de Leibniz tem muitos níveis. Nenhum desses níveis é falso, eles simbolizam uns aos outros, e Leibniz é o primeiro grande filósofo a conceber a atividade e o pensamento como uma vasta simbolização.

Portanto, todos esses níveis simbolizam, e todos estão mais ou menos próximos do que poderíamos chamar provisoriamente de absoluto. Ora, isso faz parte de sua própria obra. Segundo o correspondente de Leibniz ou segundo o público ao qual ele se dirige, ele irá apresentar todo o seu sistema em certo nível. Imaginem que seu sistema seja feito de níveis mais ou menos contraídos ou mais ou menos distendidos; para explicar alguma coisa a alguém, ele irá se instalar em determinado nível de seu sistema. Suponhamos que alguém em questão esteja sob a suspeita de Leibniz por ter uma inteligência medíocre: muito bem, ele está encantado, o instala no nível mais baixo de seu sistema; se ele se dirige a alguém mais inteligente, ele salta para outro nível. É complicado porque, em minha opinião, não podemos nunca nos apoiar sobre um texto de Leibniz se primeiramente não sentirmos o nível do sistema ao qual esse texto corresponde.

Por exemplo, há textos em que Leibniz explica o que é, segundo ele, a união da alma e do corpo; bom, ela [a explicação] é para tal ou tal correspondente. Para outro correspondente ele explicará que não há o problema da união da alma e do corpo, pois o verdadeiro problema é o problema da relação entre as almas. As duas coisas não são de modo algum contraditórias, são dois níveis do sistema. De modo que se não valoramos o nível de um texto de Leibniz, então teremos a impressão de que ele não para de se contradizer, e, de fato, ele não se contradiz em absoluto.

Leibniz é um filósofo muito difícil. Eu gostaria de dar os títulos a cada parte do que tinha a propor para vocês. A maior 1) eu gostaria de chamar “um pensamento engraçado”. Por que o chamo “pensamento engraçado”? Bem, porque entre os textos de Leibniz há pequeno texto que o próprio Leibniz chama de *Pensamento engraçado*. Portanto, estou autorizado pelo próprio autor. Leibniz sonhava muito, ele tem todo um lado de ficção científica absolutamente formidável, ele imaginava todo o tempo as instituições. Em seu pequeno texto *Pensamento engraçado*, ele imaginava uma instituição bastante inquietante, que seria a instituição seguinte: seria preciso uma academia dos jogos. Nessa época, também em Pascal, nos outros matemáticos, no próprio Leibniz, monta-se a grande teoria dos jogos e das probabilidades. Leibniz é um dos grandes fundadores da teoria dos jogos. É apaixonado pelos problemas matemáticos dos jogos, devia, aliás, ser um grande jogador. Ele imagina essa academia dos jogos, que apresenta, ao mesmo tempo, como devendo existir – por que ao mesmo tempo? Porque segundo o ponto de vista em que nos colocamos para ver essa instituição ou para dela participar – ela seria ao mesmo tempo uma seção da academia de ciências, um jardim zoológico e botânico, uma exposição universal, um cassino em que jogamos, e uma empresa de controle policial. Isso não é mal. Ele chama isso de *Um pensamento engraçado*.

Suponham que irei lhes contar uma história. Essa história consiste em tomar um dos pontos centrais da filosofia de Leibniz, e vou contá-la como se fosse a descrição de outro mundo, e, ali, também enumero as proposições principais que irão formar um pensamento engraçado.

a) O fluxo do pensamento, a qualquer momento, arrasta consigo um famoso princípio que tem um caráter muito particular, já que é um dos únicos princípios dos quais podemos estar seguros e que, ao mesmo tempo, não vemos de modo algum o que traz. Ele é certo, mas é vazio. Esse célebre princípio é o princípio de identidade. O princípio de identidade tem um enunciado clássico: A é A. Ele está assegurado. Se digo azul é azul, ou Deus é Deus, não digo por ali que Deus exista. Em um sentido estou correto. Só que, eis: penso alguma coisa quando digo que A é A, ou não penso? Tentemos ainda dizer o que provoca esse princípio de identidade. Ele se apresenta sob a forma de uma proposição recíproca. A é A, isso quer dizer: sujeito A, verbo ser, A atributo ou predicado, há uma reciprocidade do sujeito e do predicado. O azul é azul, o triângulo é triângulo, são proposições vazias e certas. O que é esse todo? Uma proposição idêntica é uma proposição tal que o atributo ou o predicado é o mesmo que o sujeito e é recíproco com o sujeito. Há um segundo caso um pouco mais complexo, a saber, o de que o princípio de identidade pode determinar proposições que não são simplesmente proposições recíprocas. Não há mais simplesmente a reciprocidade do predicado com o sujeito e do sujeito com o predicado. Suponham que eu diga: “o triângulo tem três lados”, não é a mesma coisa de dizer “o triângulo tem três ângulos”. “O triângulo tem três ângulos” é uma proposição idêntica porque é recíproca. “O triângulo tem três lados” é um pouco diferente, não é recíproca. Não há identidade do sujeito e do predicado. Com efeito, três lados não é o mesmo que três ângulos. E, no entanto, há uma dita necessidade lógica. É uma necessidade lógica, a saber, que vocês não podem conceber três ângulos compondo uma figura sem que essa figura tenha três lados. Não existe uma reciprocidade, mas há inclusão. Três lados estão incluídos no triângulo. Inerência ou inclusão.

A mesma coisa se digo que a matéria é matéria, “matéria é matéria” é uma proposição idêntica sob forma de uma proposição recíproca; o sujeito é idêntico ao predicado. Se digo que “a matéria é extensão”, é ainda uma proposição idêntica porque não posso pensar o conceito de matéria sem nele já introduzir a extensão. A extensão está na matéria. Contudo, é tanto menos uma

proposição recíproca quanto, inversamente, talvez eu possa pensar uma extensão sem nada que a preencha, isto é, sem matéria. Essa, não é, portanto, uma proposição recíproca, mas é uma proposição de inclusão; quando eu digo “a matéria é extensão”, é uma proposição idêntica por inclusão.

Eu diria, portanto, que as proposições idênticas são de duas espécies: elas são as proposições recíprocas em que o sujeito e o predicado são um só e mesmo, e as proposições de inerência ou de inclusão, onde o predicado está contido no conceito de sujeito.

Se digo “essa folha tem reto e um verso” – bom, passemos, suprimo meu exemplo...  $A \text{ é } A$ , é uma forma vazia. Se procuro um enunciado mais interessante do princípio de identidade, diria à maneira de Leibniz que o princípio de identidade se enuncia assim: toda proposição analítica é verdadeira.

O que quer dizer analítica? Segundo os exemplos que acabamos de ver, uma proposição analítica é uma proposição tal que é tanto o predicado ou o atributo que é idêntico ao sujeito, exemplo: “o triângulo é triângulo”, proposição recíproca; quanto é proposição de inclusão “o triângulo tem três lados”, o predicado está contido no sujeito, a ponto de que quando você concebe o sujeito o predicado nele já estava. É suficiente, portanto, uma análise para encontrar o predicado no sujeito. Até então, Leibniz como pensador original não surgiu.

- b) Leibniz surge. Ele surge sob a forma desse grito muito bizarro. Ele irá lhe dar um enunciado mais complexo do que anteriormente. Tudo o que dissemos não é a filosofia, é a pré-filosofia, é o terreno sobre o qual irá se desvelar uma filosofia muito prodigiosa. Leibniz chega e diz: muito bem. O princípio de identidade nos dá um modelo seguro. Por que um modelo seguro? Em seu próprio enunciado, uma proposição analítica é verdadeira se vocês atribuem a um sujeito algo que apenas se dá com o próprio sujeito, ou que se confunde, ou que já está contida no sujeito.

O golpe de gênio pré-filosófico de Leibniz consiste em dizer: vejamos a recíproca! Ali começa algo absolutamente novo e, no entanto, muito simples – seria preciso pensá-lo. E o que quer dizer “seria preciso pensá-lo”, quer dizer

que seria necessário ter dele [algo] necessidade, seria preciso que respondesse a algo de urgente para ele. O que é a recíproca do princípio de identidade em seu enunciado complexo “toda proposição analítica é verdadeira”? A recíproca põe muito mais problemas. Leibniz surge e diz: toda proposição verdadeira é analítica.

Se é verdade que o princípio de identidade nos dá um modelo de verdade, por que é que tropeçamos na dificuldade seguinte, a saber: ele é verdadeiro, mas nada nos faz pensar. Nós iremos forçar o princípio de identidade a nos fazer pensar algo; iremos revertê-lo, a ele iremos retornar. Vocês me dirão que retornar a  $A \text{ é } A$ , isso estabelece que  $A \text{ é } A$ . Sim e não. Isso estabelece que  $A \text{ é } A$  na formulação formal que impede o retorno do princípio. Mas, na formulação filosófica, que retoma exatamente o mesmo, porém, “toda proposição analítica é uma proposição verdadeira”, se vocês retornam ao princípio “toda proposição verdadeira é necessariamente analítica”, isso quer dizer o quê? Cada vez que vocês formulam uma proposição verdadeira, é bastante necessário (e é ali que há o grito), queiram ou não, que ela seja analítica, isto é, que ela seja redutível a uma proposição de atribuição ou de predicação, e que não apenas ela seja redutível a um julgamento de predicação ou de atribuição (o céu é azul), mas que ela seja analítica, quer dizer, que o predicado seja recíproco ao sujeito ou contido no conceito de sujeito? Leibniz se lança em um truque engraçado, e não por opção. Ele dele tem necessidade. Mas ele se compromete num truque impossível: ele precisará, com efeito, de conceitos completamente dementes para chegar a essa tarefa que está em vias de se entregar. Se toda proposição analítica é verdadeira, é bem necessário que toda proposição verdadeira seja analítica. Isso não trará de modo algum por si que todo julgamento seja redutível a um julgamento de atribuição. Isso não será fácil de mostrar.

Ele se lança numa análise combinatória que é fantástica, como ele próprio o diz. Por que ela não acontecerá por si? “A caixa de fósforos está sobre a mesa”. Eu diria que é um julgamento de quê? “Sobre a mesa” é uma determinação espacial. Eu poderia dizer que a caixa de fósforos está “aqui”. “Aqui” é o quê? Eu diria que é um julgamento de localização. De novo torno a

dizer as coisas mais simples, mas elas sempre foram os problemas fundamentais da lógica. É apenas para sugerir que em aparência nem todos os julgamentos têm por forma a predicação ou atribuição. Quando digo “o céu é azul”, tenho um sujeito, céu, e um atributo, azul. Quando digo “o céu está lá em cima”, ou “eu estou aqui”, é por que “aqui”, localização no espaço, é associável a um predicado? Formalmente posso reduzir o julgamento “eu estou aqui” a um julgamento do tipo “eu sou loiro”? Não estou seguro de que a localização no espaço seja uma qualidade. E “ $2+2=4$ ” é um julgamento que chamamos ordinariamente de julgamento de relação. Ou se digo “Pedro é bem menor que Paulo”, é uma relação entre dois termos, Pedro e Paulo. Sem dúvida eu oriento essa relação sobre Pierre: se digo “Pedro é bem menor que Paulo”, posso dizer “Paulo é bem maior que Pedro”. Onde está o sujeito, onde está o predicado? Eis exatamente o problema que tem agitado a filosofia desde seu início. Desde que existe a lógica, nos perguntamos em qual medida o julgamento de atribuição podia ser considerado como a forma universal de todo julgamento possível, ou mesmo como um caso de julgamento entre outros.

Posso tratar “bem menor que Paulo” como um atributo de Pedro? Não seguramente. Não há nada de evidente. Talvez seja preciso distinguir tipos de julgamentos muito diferentes um do outro, a saber: julgamento de relação, julgamento de localização espaço-temporal, julgamento de atribuição, e mesmo ainda outros: julgamento de existência. Se eu digo “Deus existe”, posso traduzi-lo formalmente sob a forma “Deus é existente”, existente sendo um atributo? Posso dizer que “Deus existe” é um julgamento da mesma forma que “Deus é todo poderoso”? Sem dúvida não, pois só posso dizer “Deus é todo poderoso” acrescentando “sim, ele existe”. Deus existe? A existência é um atributo? Não seguramente.

Vejam, portanto, que lançando a ideia de que toda proposição verdadeira deve ser de uma maneira ou de outra uma proposição analítica, quer dizer idêntica, Leibniz já se entrega a uma tarefa mais dura; Leibniz se compromete em mostrar de qual maneira todas as proposições podem ser reduzidas ao julgamento da atribuição, a saber, as proposições que enunciam as relações, as proposições que enunciam as existências, as proposições que enunciam as

localizações, e que, neste limite, existir, estar relacionado podem ser traduzidos como o equivalente do atributo do sujeito.

Deve surgir em nosso cérebro a ideia de uma tarefa infinita. Suponhamos que Leibniz chegue a ela; qual mundo irá dela sair? O que é esse mundo em que podemos dizer “toda proposição verdadeira é analítica”? Lembre bem que ANALÍTICA é uma proposição em que o predicado é idêntico ao sujeito, ou mesmo está incluído no sujeito. Será bastante bizarro um tal mundo. O que é a recíproca do princípio de identidade? O princípio de identidade é o de que, pois, toda proposição verdadeira é analítica; não o inverso – toda proposição analítica é verdadeira. Leibniz diz que é necessário um outro princípio, é a recíproca: toda proposição verdadeira é necessariamente analítica. Por qual razão suficiente? Por que é que ele pensa estar pleno em seu grito? É PRECISO QUE TUDO TENHA UMA RAZÃO. O princípio de razão suficiente pode se anunciar assim: embora cheguem a um sujeito, sejam as determinações do espaço e do tempo, da relação, do acontecimento; embora cheguem a um sujeito, é preciso ainda que o que chegue, quer dizer, que o que dele dizemos com sua verdade, é preciso ainda que tudo o que se diga de um sujeito esteja contido na noção de sujeito.

A noção de “noção” será essencial. É mesmo preciso que “azul” esteja contido na noção de céu. Por que é o princípio de razão suficiente? Porque se assim for, cada coisa tem uma razão; a razão é precisamente a própria noção enquanto ela contém tudo o que chega ao sujeito correspondente. Desde então, tudo tem uma razão.

Razão = a noção de sujeito enquanto essa noção contém tudo aquilo que se diz com a verdade desse sujeito. Eis o princípio de razão suficiente, que é, portanto, apenas a recíproca do princípio de identidade. Em vez de buscar justificações abstratas, pergunto-me qual mundo estranho irá nascer de tudo isso? Um mundo com cores muito bizarras se retomo minha metáfora da pintura. Um quadro assinado Leibniz. Toda proposição verdadeira deve ser analítica ou, ainda uma vez, tudo o que você diga com verdade de um sujeito deve estar contido na noção de sujeito. Sinta que ela já se torna louca, ela nisso tem de trabalhar para a vida.

O que quer dizer a noção? É Leibniz assinado. Tanto como existe uma concepção hegeliana do conceito, há uma concepção leibniziana do conceito.

- c) Ainda uma vez, meu problema é o de qual mundo irá surgir, e o de que, nesse, é pequeno; c) gostaria de começar a mostrar que, a partir dali, Leibniz irá criar conceitos verdadeiramente alucinantes.

É realmente um mundo alucinatório. Se você quer pensar as ligações da filosofia relativamente à loucura, por exemplo, existem páginas muito fracas de Freud sobre a relação íntima da metafísica com o delírio. Só podemos introduzir a positividade dessas ligações por uma teoria do conceito, e a direção em que gostaria de ir seria a da relação do conceito com o grito. Gostaria de fazê-los sentir essa presença de uma espécie de loucura conceitual nesse universo de Leibniz, tal como iremos vê-la nascer. É uma amena violência, deixa-os ir. Não se trata de discutir. Compreendam a bobagem das objeções.

Abro um parêntese para complicar. Vocês sabem que há um filósofo posterior a Leibniz que disse que a verdade é aquela dos julgamentos sintéticos? Ele se opõe a Leibniz. De acordo! É Kant. O que nós temos a ver com isso? Não se trata de dizer que eles não estão de acordo um com o outro. Quando digo isso, não credito a Kant um novo conceito que é o de julgamento sintético. Seria preciso inventar esse novo conceito e é Kant que o inventa. Dizer que os filósofos se contradizem é uma frase idiota. De fato, é como se você dissesse que Velásquez não está de acordo com Giotto – isso não é mesmo verdade, é um absurdo.

Toda proposição verdadeira deve ser analítica, quer dizer, tal como ela atribui alguma coisa a um sujeito, e que o atributo deva estar contido na noção de sujeito. Não me pergunto se isso se verifica, pergunto-me o que isso quer dizer. Tomemos um exemplo. Tomemos um exemplo de proposição verdadeira. Uma proposição verdadeira, ela pode ser uma proposição elementar concernente a um acontecimento que teve lugar. Tomemos os exemplos do próprio Leibniz: “Cesar atravessou o rubicão”.

É uma proposição. Ou ela é verdadeira ou temos fortes razões para supor que ela é verdadeira. Outra proposição: “Adão pecou”. Eis uma proposição

extremamente verdadeira. O que quer dizer isso? Veja que todas essas proposições escolhidas por Leibniz como exemplos fundamentais são proposições eventuais, ele não se entrega a uma simples tarefa. Ele irá nos dizer isto: desde que essa proposição seja verdadeira, é mesmo necessário, queira-o ou não, que o predicado “atravessar o Rubicão” - se a proposição é verdadeira, ora, ela é verdadeira -, é mesmo necessário que o predicado esteja contido na noção de Cesar. Não no próprio Cesar, mas na noção de Cesar. A noção de sujeito contém tudo o que chega a um sujeito, isto é, tudo o que se diz do sujeito com verdade.

Em “Adão pecou”, pecado, nesse momento, pertence à noção de Adão. Atravessar o Rubicão pertence à noção de César. Diria que ali Leibniz lança um de seus primeiros grandes conceitos, o conceito de inerência. Tudo o que se diz com verdade de alguma coisa é inerente à noção dessa coisa. É o primeiro aspecto ou o desenvolvimento da razão suficiente.

- d) Quando dizemos isso, não podemos mais parar. Quando iniciamos no domínio do conceito, não podemos mais parar. No domínio dos gritos, existe um grito famoso de Aristóteles. O grande Aristóteles que, aliás, exerceu sobre Leibniz uma influência muito forte, lança em um momento na *Metafísica* uma fórmula muito bela: “é ainda preciso parar” (*anankéstenaí*). É um grande grito. É o filósofo diante do abismo do encadeamento dos conceitos. Leibniz nele se põe, não se detém mais. Por quê? Se você retoma a proposição c), tudo o que você atribui a um sujeito deve estar contido na noção desse sujeito. Mas o que você atribui com verdade a um sujeito qualquer no mundo, se for Cesar, basta que você lhe atribua apenas uma coisa com verdade para que aviste com pavor que, desde então, você é forçado a se enfurnar na noção de sujeito, não apenas na coisa que você lhe atribui com verdade, mas na totalidade do mundo.

Por quê? Em virtude de um princípio bastante conhecido, que não é de modo algum o mesmo que o da razão suficiente. É o simples princípio de causalidade. Pois, enfim, o princípio de causalidade vai ao infinito, é ali o seu próprio. E é um infinito muito particular, pois, de fato, ele [o princípio de causalidade] vai ao indefinido. A saber que o princípio de causalidade diz que

toda coisa tem uma causa, o que é muito diferente de que toda coisa tem uma razão. E a causa é uma coisa, e ela tem, por sua vez, uma causa etc.. etc. Posso fazer a mesma coisa, a saber, que toda causa tem um efeito e esse efeito é, por sua vez, causa de efeitos. É, portanto, uma série indefinida de causas e efeitos.

Que diferença há entre a razão suficiente e a causa? Compreendemos muito bem. A causa nunca é suficiente. É preciso dizer que o princípio de causalidade põe uma causalidade necessária, mas não suficiente. É necessário distinguir a causa necessária e a razão suficiente.

O que as distingue evidentemente é que a causa de uma coisa é sempre outra coisa. A causa de A é B, a causa de B é C etc. Série indefinida de causas. A razão suficiente, não é de modo algum outra coisa do que a coisa. A razão suficiente de uma coisa é a noção da coisa. Portanto, a razão suficiente exprime a relação da coisa com sua própria noção, enquanto a causa exprime a relação da coisa com outra. Isso é claro.

- e) Se você diz que tal acontecimento está compreendido na noção de Cesar, “atravessar o Rubicão” está compreendido na noção de Cesar. Você não pode parar, em que sentido? É que, de causa em causa e de efeito em efeito, naquele momento a totalidade do mundo deve estar compreendida na noção de tal sujeito. Isso se torna curioso, eis que o mundo passa ao interior de cada sujeito, ou de cada noção de sujeito. Com efeito, atravessar o Rubicão tem uma causa, essa causa tem ela própria múltiplas causas, de causa em causa, na causa da causa e na causa da causa da causa. É toda a série do mundo que ali passa, ao menos a série antecedente. E no mais, atravessar o Rubicão tem efeitos. Se permaneço em grandes efeitos: instauração do império romano. O império romano, por sua vez, tem efeitos, dependemos diretamente do império romano. De causa em causa e de efeito em efeito, vocês não podem dizer que tal acontecimento está compreendido na noção de tal sujeito sem dizer que, desde então, o mundo inteiro está compreendido na noção de sujeito.

Há ainda um caráter trans-histórico da filosofia. O que quer dizer ser leibniziano em 1980? Existem ainda, em todo caso é possível que haja.

Se vocês dizem, de acordo com o princípio de razão suficiente, que o que acontece em tal sujeito, e que lhe concerne pessoalmente – portanto, o que vocês atribuem dele com verdade, ter olhos azuis, atravessar o Rubicão etc. – pertence à noção de sujeito, quer dizer, está compreendido na noção de sujeito; vocês não podem parar, é preciso dizer que esse sujeito contém o mundo inteiro. Não é mais o conceito de inerência ou de inclusão, é o conceito de expressão que, em Leibniz, é um conceito fantástico. Leibniz se exprime sob a forma: a noção de sujeito exprime a totalidade do mundo.

Seu próprio “atravessar o Rubicão” se estende ao infinito para trás e para frente pelo duplo jogo de causa e de efeitos. E então, é hora de falar por nossa conta, pouco importa o que nos acontece e a importância do que nos sucede. É preciso ainda dizer que é cada noção de sujeito que contém ou exprime a totalidade do mundo. Dizer, cada um de vocês, eu, que exprime a totalidade do mundo. Como Cesar. Nem mais nem menos. Isso se complica, por quê? Grande perigo: se cada noção individual, se cada noção de sujeito exprime A totalidade do mundo, quer dizer que existe apenas um único sujeito, um sujeito universal, e que vocês, eu, Cesar, seríamos apenas aparências desse sujeito universal. Seria a possibilidade de dizer isto: haveria apenas um sujeito que exprimiria o mundo.

Por que Leibniz não pode dizer isso? Ele não tem escolha. Isso seria desdizer-se. Tudo o que ele fez precedentemente com o princípio de razão suficiente, iria em que sentido? Era, em minha opinião, a primeira grande reconciliação do conceito e do indivíduo. Leibniz estava em vias de construir um conceito do conceito tal que o conceito e o indivíduo tornavam-se, enfim, adequados um ao outro. Por quê?

Que o conceito vá até o individual, por que é isso novo? Nenhuma pessoa tinha ousado. O conceito, é o que? Ele se define pela ordem da generalidade. Existe conceito quando há uma representação que se aplica a muitas coisas. Mas que o conceito e o indivíduo se identifiquem, nunca se havia feito isso. Nunca uma voz tinha ressoado no domínio do pensamento para dizer que o conceito e o indivíduo são a mesma coisa.

Havia-se sempre distinguido uma ordem do conceito que remetia à generalidade e uma ordem do indivíduo que remetia à singularidade. Ainda mais, havia-se sempre considerado como peso caído que o indivíduo não era como tal compreensível pelo conceito. Havia-se sempre considerado que o nome próprio não era um conceito. Com efeito, “cão” é também um conceito, “Medor” não é um conceito. Há mesmo uma canidade de todos os cães, como dizem alguns lógicos numa linguagem esplêndida, mas não há uma medoridade de todos os Medores.

Leibniz é o primeiro a dizer que os conceitos são nomes próprios, isto é, que os conceitos são noções individuais.

Há um conceito do indivíduo como tal. Portanto, vejam que Leibniz não pode se voltar sobre a proposição, já que toda proposição verdadeira é analítica; o mundo está, portanto, contido em um só e mesmo sujeito que seria um sujeito universal. Ele não pode visto que seu princípio de razão suficiente implicava que o que estava contido no sujeito – portanto o que era verdadeiro, o que era atribuível ao sujeito – estava contido em um sujeito a título de sujeito individual. Portanto, não pode se dar uma espécie de espírito universal. É preciso que permaneça fixo na singularidade, no indivíduo como tal. E com efeito, essa será uma das grandes originalidades de Leibniz, sua fórmula perpétua: a substância (não a diferença entre a substância e o sujeito nele mesmo), a substância é individual.

É a substância Cesar, é a substância vós, a substância eu etc. Questão urgente em meu pequeno d), já que está barrada a via de invocar um espírito universal no qual o mundo será incluído... outros filósofos invocarão um espírito universal. Há mesmo um texto bastante curto de Leibniz que tem como título *Considerações sobre o espírito universal [Considérations sur l'esprit universe]*, onde irá mostrar em que há ainda um espírito universal, Deus, mas que não impede que as substâncias sejam individuais. Portanto, irreduzibilidade das substâncias individuais.

Já que cada substância exprime o mundo, ou antes cada noção substancial, cada noção de um sujeito, já que cada uma exprime o mundo, vocês exprimem o mundo o tempo inteiro. Diz-se que, com efeito, ele a fez em vida enquanto a

objeção lhe caia sobre as costas imediatamente, dizendo-se: mas então, a liberdade? Se tudo o que acontece a Cesar está compreendido na noção individual de Cesar, se o mundo inteiro está compreendido na noção universal de Cesar, Cesar atravessando o Rubicão, apenas faz desenrolar – palavra curiosa, “devolvere”, que acontece o tempo todo em Leibniz – ou explicar (é a mesma coisa), quer dizer ao pé dá letra desdobrar, como vocês desenrolam um tapete. É a mesma coisa: explicar, desdobrar, desenrolar. Portanto, atravessar o rubicão como acontecimento apenas faz desenrolar alguma coisa que estava compreendida todo o tempo na noção de Cesar. Vejam que é um verdadeiro problema.

Cesar atravessava o Rubicão em tal ano, mas que o atravessar o Rubicão em tal ano, esteve compreendido o tempo inteiro na noção individual. Portanto, onde está essa noção individual? Ela é eterna. Há uma verdade eterna dos acontecimentos datados. Mas então, e a liberdade? Todo o mundo cai em cima dele. A liberdade é muito perigosa no regime cristão. Então Leibniz fará um pequeno opúsculo, *De la liberté [Da liberdade]*, em que explicará o que é a liberdade. Será uma coisa engraçada, a liberdade para ele.

Mas, deixemos isso de lado por um momento. E o que distingue um sujeito do outro? Isso, não podemos deixar de lado por um momento, senão nossa corrente é desligada. O que é que irá distinguir você e Cesar, já que tanto um como o outro exprimem a totalidade do mundo, presente, passado e por vir?

É curioso esse conceito de expressão. É ali que ele lança uma noção muito rica.

- f) O que distingue uma substância individual de outra, não é complicado. De certa maneira, é preciso que seja irreduzível.

É preciso que cada um, cada sujeito, para cada noção individual, cada noção de sujeito compreenda a totalidade do mundo, exprima o mundo total, mas de um certo ponto de vista. E ali começa uma filosofia perspectivista. E isso não é nada. Vocês me dirão: o que há de mais banal do que a expressão “ponto de vista”? Se a filosofia é criar conceitos, o que é criar conceitos? Grosso modo, são fórmulas banais. Os grandes filósofos têm, cada um, fórmulas banais as quais fazem piscar o olho. Um piscar de olho do filósofo é, no limite, tomar uma

fórmula banal e se divertir, vocês não sabem o que irei colocar dentro. Fazer uma teoria do ponto de vista, o que ela implica? É que ela poderia ser feita a qualquer momento? É que Leibniz por acaso é quem faz a primeira grande teoria para tal momento? No momento em que o próprio Leibniz cria um capítulo de geometria particularmente fecundo, a geometria dita projetiva. É que é por acaso que isso se passa ao final de uma época onde são elaborados, na arquitetura como na pintura, todos os tipos de técnicas de perspectivas? Detemos justamente esses dois domínios que simbolizam com isto: a arquitetura-pintura e a perspectiva na pintura de uma parte, e de outra parte a geometria projetiva. Compreendam aonde quer chegar Leibniz. Ele irá dizer que cada noção individual exprime a totalidade do mundo, sim, mas de certo ponto de vista.

O que isso quer dizer? Tanto isso não é nada banal, pré-filosoficamente, quanto ali também não se pode mais parar. Isso o engaja em mostrar o que constitui a noção individual como individual, um ponto de vista que define a noção individual. E que portanto o ponto de vista é mais profundo que aquilo que nele se põe.

Será preciso mesmo que haja, no fundo de cada noção individual, um ponto de vista que define a noção individual. Se vocês querem, o sujeito é segundo em relação ao ponto de vista. E ainda, dizer isso, não é o assunto, não é nada.

Funda-se uma filosofia que encontrará seu nome em outro filósofo que tem a mão Leibniz ao longo dos séculos, a saber, Nietzsche. Nietzsche dirá: minha filosofia é o perspectivismo. O perspectivismo, compreendam que se torna idiota ou banal ao se lamentar se ele consiste em dizer que tudo é relativo ao sujeito; ou que tudo é relativo. Todo mundo o diz; isso é parte das proposições que não fazem mal ninguém posto que não tem sentido. Mas está na conversação. Enquanto tomo a fórmula como significante tudo depende do sujeito, isso não quer dizer nada, eu causei, como se diz...

(Fim da fita)

... O que me faz eu = eu é um ponto de vista sobre o mundo. Leibniz não poderá mais parar, precisará chegar a uma teoria do ponto de vista tal que o sujeito é constituído pelo ponto de vista, e não o ponto de vista é constituído

pelo sujeito. Quando, em pleno o século XIX, Henry James renova as técnicas do romance por um perspectivismo, por uma mobilização dos pontos de vista, ali também em James, não são os pontos de vista que se explicam pelos sujeitos, é o inverso, são os sujeitos que se explicam pelos pontos de vista. Uma análise dos pontos de vista como razão suficiente dos sujeitos, eis a razão suficiente do sujeito. A noção individual é o ponto de vista sob o qual o indivíduo exprime o mundo. É belo, e mesmo poético. James tem técnicas suficientes para que não haja sujeito; tornando-se tal ou qual sujeito aquilo que é determinado a ser para tal ponto de vista. É o ponto de vista que explica o sujeito e não o inverso.

Leibniz: “toda substância individual é como um mundo inteiro e como um espelho de Deus ou ainda de todo o universo que ela exprime, cada uma, ao seu modo: um pouco como uma mesma cidade é diversamente representada segundo as diferentes situações daquilo que a observa. Assim o universo é de alguma forma multiplicado tantas vezes quanto há substâncias, e a glória de Deus é reduplicada do mesmo modo por tantas representações todas diferentes da sua [????]. Ele fala como um cardeal”. Pode-se mesmo dizer que toda substância porta de alguma maneira o caractere da sabedoria infinita e de toda a potência de Deus, e ela limita tanto quanto é suscetível.

Em e) digo que o novo conceito de ponto de vista é mais profundo que o de indivíduo e de substância individual. É o ponto de vista que definirá a essência. A essência individual. É necessário crer que cada noção individual corresponde a um ponto de vista. Mas isso se complica porque esse ponto de vista seria o nascimento da morte do indivíduo. O que nos definiria seria um certo ponto de vista sobre o mundo.

Eu dizia que Nietzsche encontrará essa ideia. Ele dela não gostava, mas o que dela tomou... A teoria do ponto de vista é uma ideia da Renascença. O Cardeal de Cusa<sup>3</sup>, grande filósofo da Renascença, invoca o retrato mutante segundo o ponto de vista. Do tempo do fascismo italiano, via-se um retrato muito curioso, um pouco por todas as partes: de frente representava Mussolini, à direita

<sup>3</sup> Referência ao cardeal e filósofo alemão Nicolau de Cusa/Nicolau Krebs (1401-1464). Autor de várias obras, sendo dentre elas a principal: *Da Doutra Ignorância (De Docta Ignorantia)*, de 1440 (N.T.).

representava seu genro, e se nos colocássemos à esquerda, representava o rei.

A análise do ponto de vista, nas matemáticas – e é ainda Leibniz quem realiza nesse capítulo das matemáticas um progresso considerável sob o nome de *anaylis situs* –, é evidente que está ligada à geometria projetiva. Há uma espécie de essencialidade, de objetividade do sujeito, e a objetividade é o ponto de vista. Concretamente, que cada um exprima o mundo de seu próprio ponto de vista, o que isso quer dizer? Leibniz não recua diante dos conceitos mais estranhos. Não posso mesmo mais dizer “de seu próprio ponto de vista”. Se eu dissesse “de seu próprio ponto de vista”, eu faria depender o ponto de vista do sujeito prévio, porém é o inverso. Mas o que determina esse ponto de vista? Leibniz: compreendam, cada um de nós exprime a totalidade do mundo, apenas a exprime obscuramente e confusamente. Obscuramente e confusamente, isso quer dizer o que no vocabulário de Leibniz? Isso quer dizer que é ainda a totalidade do mundo, mas sob a forma de pequena percepção. As pequenas percepções. É por acaso que Leibniz é um dos inventores do cálculo diferencial? São as percepções infinitamente pequenas, em outros termos, as percepções inconscientes. Eu exprimo todo o mundo, mas obscuramente e confusamente, como um clamor.

Mais tarde, veremos por que está ligado ao cálculo diferencial, mas sintam que as pequenas percepções ou o inconsciente são como os diferenciais da consciência, são percepções sem consciência. Para a percepção consciente, Leibniz se serve de uma outra palavra: a apercepção.

A apercepção, aperceber, é a percepção consciente, e a pequena percepção é o diferencial da consciência que não está dado na consciência. Todos os indivíduos exprimem a totalidade do mundo obscuramente e confusamente. Então, o que distingue um ponto de vista de outro ponto de vista? Em compensação, há uma pequena porção do mundo que eu exprimo claramente e diretamente, e cada sujeito, cada indivíduo tem sua pequena porção, em que sentido? No sentido muito preciso de que essa porção do mundo que exprimo claramente e distintamente, todos os outros sujeitos o exprimem também, mas confusamente e obscuramente.

O que define meu ponto de vista é como uma espécie de projetor que, no rumor do mundo obscuro e confuso, conserva uma zona limitada de expressão clara e distinta. Por mais débeis que vocês sejam, por mais insignificantes que sejamos, temos nosso pequeno truque, mesmo a pura corja tem o seu pequeno mundo: ela não exprime grande coisa claramente e distintamente, mas tem a sua pequena porção. Os personagens de Beckett são os indivíduos: tudo é confuso, os rumores, eles não compreendem nada, são farrapos; há o grande rumor do mundo. Por lamentáveis que sejam em suas latas de lixo, eles têm uma pequena zona. O que o grande Molloy chama “minhas propriedades”. Ele não se move mais, ele tem seu pequeno gancho e num raio de 1 metro, com seu gancho, ele atira coisas, suas propriedades. É a zona clara e distinta que ele exprime. Estamos todos lá. Mas nossa zona é mais ou menos grande, e ainda não é seguro, mas nunca é a mesma. O que faz o ponto de vista? É a proporção da região do mundo exprimida claramente e distintamente por um indivíduo com relação à totalidade do mundo exprimido obscuramente e confusamente. Isso é o ponto de vista.

Leibniz tem uma metáfora que gosta: vocês estão perto do mar e escutam as ondas. Vocês escutam o mar e ouvem o ruído de uma onda. Ouço o ruído de uma onda, isto é, tenho uma apercepção: distingo uma onda. E Leibniz diz: vocês não ouviriam a onda se não tivessem uma pequena percepção inconsciente do barulho de cada gota d’água que desliza uma com relação a outra, e que formam o objeto de pequenas percepções. Há os rumores de todas as gotas d’água, e vocês têm vossas pequenas zonas de claridade, vocês captam claramente e distintamente uma resultante parcial desse infinito de gotas, desse infinito rumor, e vocês produzem seus pequenos mundos, suas propriedades.

Cada noção individual tem seu ponto de vista, quer dizer que desse ponto de vista ela retira no conjunto do mundo que exprime uma porção determinada de expressão clara e distinta. Dois indivíduos sendo dados, vocês têm dois casos: ou ainda suas zonas não comunicam e não simbolizam um com o outro – não há somente comunicações diretas, podemos conceber que não existiam analogias – e naquele momento não se tem nada a dizer; ou mesmo é como

dois círculos que se recortam: há toda uma pequena zona comum; Ali podemos fazer qualquer coisa em conjunto. Leibniz pode pois dizer com uma grande força que não existem duas substâncias individuais idênticas, não existem duas substâncias individuais que tenham o mesmo ponto de vista ou que tenham exatamente a mesma zona clara e distinta de expressão. E, enfim, o golpe de gênio de Leibniz: o que irá definir a zona de expressão clara e distinta que tenho? Exprimo a totalidade do mundo, mas nele só expromo claramente e distintamente uma porção reduzida, uma porção finita. O que expromo claramente e distintamente, nos diz Leibniz, é o que tenho traçado em meu corpo. É a primeira vez que intervém essa noção de corpo. Veremos o que quer dizer esse corpo, e o que expromo claramente e distintamente é o que afeta meu corpo.

Portanto, é bem forçado que eu não exprima claramente e distintamente a travessia do Rubicão – ela concernia ao corpo de Cesar. Há alguma coisa que concerne ao meu corpo e que sou único em expressar claramente e distintamente, no fundo desse rumor que recobre todo o universo.

- g) Nessa história da cidade há uma dificuldade. Existem diferentes pontos de vista – muito bem. Esses pontos de vista preexistem ao sujeito que neles se põe, muito bem. Nesse momento, o segredo do ponto de vista é matemático; ele é geométrico e não psicológico. É pelo menos um psico-geométrico. Leibniz é um homem de noção, não um homem da psicologia. Mas tudo me leva a dizer que a cidade existe fora dos pontos de vista. E na minha história de mundo exprimido, da maneira da qual somos distribuídos, o mundo não tem nenhuma existência fora do ponto de vista que o exprime – o mundo não existe em si. O mundo é unicamente o exprimido comum de todas as substâncias individuais, mas o exprimido não existe fora do que o exprime. O mundo não existe em si, o mundo é unicamente o exprimido.

O mundo inteiro está contido em cada noção individual, mas ele só existe nessa inclusão. Não há existência de fora. É nesse sentido que Leibniz estará frequentemente, e não sem razão, do lado dos idealistas: não há mundo em si, o mundo só existe nas substâncias individuais que o exprimem. É o exprimido

comum de todas as substâncias individuais, mas o exprimido não existe fora das substâncias que o exprimem. É um verdadeiro problema!

O que distingue essas substâncias? É que elas exprimem todas o mesmo mundo, mas elas não exprimem a mesma porção clara e distinta. É como um jogo de xadrez. O mundo não existe. É a complicação do conceito de expressão. Que irá produzir essa dificuldade. Ainda é preciso que todas as noções individuais exprimam o mundo. Então é curioso – é curioso porque em virtude do princípio de identidade que nos permite determinar o que é contraditório, isto é, o que é impossível, A não é A. É contraditório. Exemplo: o círculo quadrado. Um círculo quadrado é um círculo que não é um círculo. Portanto, a partir do princípio de identidade, posso ter um critério de contradição. Segundo Leibniz, posso demonstrar que  $2 + 2$  não pode dar 5, posso demonstrar que um círculo não pode ser quadrado. Enquanto que, no nível da razão suficiente, é bem mais complicado. Por quê? Porque Adão não pecador, Cesar não atravessando o Rubicão, não são como o círculo quadrado. Adão não pecador não é contraditório. Sintam como ele irá tentar salvar a liberdade, uma vez que ele se pôs ainda numa infeliz situação para salvá-la. Isso não é de modo algum impossível: Cesar teria podido não atravessar o Rubicão, enquanto que um círculo não pode não ser quadrado – ali não há liberdade.

Então, de novo se está emperrado, de novo será necessário para Leibniz um novo conceito e, de todos seus conceitos loucos, este será sem dúvida o mais louco. Adão teria podido não pecar, pois, em outros termos, as verdades regidas pelo princípio de razão suficiente não são do mesmo tipo que as verdades regidas pelo princípio de identidade, por quê? Porque as verdades regidas pelo princípio de identidade são tais que sua contradição é impossível, enquanto que as verdades regidas pelo princípio de razão suficiente tem uma contradição possível: Adão não pecador é possível.

É mesmo tudo o que distingue, segundo Leibniz, as verdades ditas de essência e as verdades ditas de existência. As verdades de existência são tais que sua contradição é possível. Como Leibniz irá sair dessa última dificuldade: como é que ele pode manter ao mesmo tempo que tudo o que Adão fez esteja contido

todo tempo na sua noção individual e poderá Adão não pecador ser possível? Ele parece emperrado, é delicioso porque a esse respeito os filósofos são um pouco como os gatos; é quando eles estão emperrados que se desembaraçam, ou como um peixe: é o conceito tornado peixe. Ele irá nos contar a seguinte coisa: que Adão não pecador é perfeitamente possível, como Cesar não tinha atravessado o Rubicão; Tudo isso é possível, mas não é produzido porque, se é possível em si, é impossível.

Eis que ele cria o conceito lógico mais estranho de impossibilidade.

Ao nível das existências, não é suficiente que uma coisa seja possível para existir, ainda é preciso saber com o que ela é compossível.

Adão não pecador enquanto é possível como tal, é impossível com o mundo que existe. Adão teria podido não ser pecador, sim, mas na condição de que houvesse outro mundo. Vejam vocês que a inclusão do mundo na noção individual, e o fato de que outra coisa seria possível, concilia de repente, com a noção de compossibilidade, Adam não pecador faz parte de outro mundo. Adão não pecador teria sido possível, mas esse mundo não foi escolhido. É impossível com o mundo existente. Apenas é compossível com outros mundos possíveis que não passaram à existência.

Por que é que este é o mundo que passou à existência? Leibniz explica o que é, segundo ele, a criação do mundo por Deus, e vemos bem em que ela é uma teoria dos jogos: Deus, em seu entendimento, concebe uma infinidade de mundos possíveis, apenas esses mundos possíveis não são compossíveis uns com os outros, e forçosamente porque é Deus que escolhe o melhor. Ele escolhe o melhor dos mundos possíveis. E encontramos como o melhor dos possíveis implica Adão pecador. Por quê? Isso vai ser horrível. O que é interessante logicamente é a criação de um conceito próprio de compossibilidade para designar uma esfera lógica mais restrita que aquela da possibilidade lógica. Para existir, não é suficiente que alguma coisa seja possível, é preciso ainda que essa coisa seja compossível com outras que constituem o mundo real.

Em uma fórmula célebre de *La monadologie*, Leibniz diz que as noções individuais são sem portas nem janelas. Isso vem corrigir a metáfora da cidade.

Sem portas nem janelas, isso quer dizer que não há abertura. Por quê? Porque não há exterior. O mundo que as noções individuais exprimem é interior, ele está incluído nas noções individuais. As noções individuais são sem portas nem janelas, tudo está incluído em cada uma, e não obstante há um mundo comum a todas as noções individuais: é que o que cada noção individual inclui, a saber, a totalidade do mundo, inclui sob uma forma onde o que ela exprime é compossível com o que as outras exprimem. É uma maravilha. É um mundo em que não há nenhuma comunicação entre os sujeitos. Entre Cesar e vocês, entre vocês e eu, não há nenhuma comunicação direta, e como diríamos hoje, cada noção individual está programada de tal maneira que o que ela exprime forma um mundo comum com o que outra exprime. É um dos últimos conceitos de Leibniz: a harmonia pré-estabelecida. Preestabelecida, é absolutamente uma harmonia programada. É a ideia do autômato espiritual, e é ao mesmo tempo a grande idade dos autômatos, nesse fim do século XVII.

Cada noção individual é como um autômato espiritual, quer dizer, que o que ela exprime é interior a ela, ela é sem portas nem janelas; ela é programada de tal maneira que o que exprime está em compossibilidade com o que a outra exprime.

O que fiz hoje foi unicamente uma descrição do mundo de Leibniz, e ainda somente uma parte desse mundo. Portanto, foram desnudadas sucessivamente as noções seguintes: razão suficiente, inerência e inclusão, expressão ou ponto de vista, impossibilidade.